



Cinquenta tons de cinza: a sexualidade como parâmetro irrestrito das naturezas ante a liberdade humana.

Hermide Menquini Braga¹

Eliza Helena Ercolin²

Wanda Mariza Cortazzio³

Resumo

A Pós- Modernidade , etapa onde técnicas , máquina s, grandes potencias mundiais tecem cenário sofisticado, ativado pelos elementos tecnológicos em ambientes esplendidos . Aí nascem bifurcações também inusitadas no comportamento humano. Entretanto, o amor é circunstancia inegável no humano . Em três enfoques diferentes, três especialistas desta instituição de ensino elaboram, cada uma análise, de acordo com sua formação e especialidade. Assim , pelo viés psicológico , pela filosofia da metáfora e pela análise nocional das canções , por meio de seus títulos originais , traduzidos do inglês , as três professoras expressam-se , em um trabalho sério e partilhado. Por ser um best-seller, julgam estar,além de exercer atividade acadêmica, também oferecer argumentos aos alunos para conjecturas ao sabor da época ; de mudança nas mais tradicionais esferas.

Abstract

The Post-Modernity, where step techniques, machine s, major world powers weave sophisticated setting, enabled by technological elements in splendid surroundings. There also unusual bifurcations are born in human behavior. However, love is undeniable in the human circumstance. In three different approaches, three experts of this educational institution each prepare an analysis, in accordance with their training and expertise. Thus, the psychological bias, the philosophy of metaphor and the notional analysis of songs by their original titles, translated from English, the three teachers express themselves in serious work and shared. For being a bestseller, think they are, besides exerting academic activity, students also provide arguments for conjectures taste of the time; changing in more traditional spheres.

Como estudiosa do comportamento humano, interessa-me saber o que motiva as pessoas, quais os desejos mais comuns, e principalmente, o que as pessoas estão lendo. No Brasil o hábito da leitura se restringe a poucos indivíduos, então o que faz tantas pessoas lerem um livro em especial? O que as motivou? O que faz uma obra ser sucesso instantaneamente? De tempos em tempos uma obra surge, faz sucesso e nem mesmo o autor consegue explicar o fato.

¹ Doutora em Ciências da religião.

² Mestre em Psicologia da saúde.

³ Especialista em Práticas de ensino de Língua Inglesa.



Eu já havia visto no topo da lista dos livros mais vendidos a trilogia *Cinquenta tons*, porém ainda não os havia lido. A professora Mariza emprestou-me os livros, e, assim que acabei de lê-los iniciei uma conversa informal com ela, sobre os livros. Notei que assinalou aspectos que eu sequer notei e eu observei outros que ela também não tinha notado. Isso aguçou ainda mais a necessidade de compreender como justificar esta visão diferente que cada uma teve deste livro. Será que profissionais com formações diferentes “leriam” esta obra de maneira diversa? Quais as semelhanças de análise e quais as diferenças? Evidentemente, a vivência de cada leitor influencia na interpretação, como, por exemplo a gama criativa de interpretações da metáfora.

Mencionei a trilogia à professora Hermide, leitora voraz e qualificada para dirigir esta análise, e recomendei-lhe a leitura a fim de um possível debate posterior. Assim nasceu este artigo. A professora Hermide faz uma análise da obra como um todo, por meio das metáforas, eu faço uma análise psicológica dos personagens e a professora Mariza colabora nas questões ligadas aos títulos das músicas em inglês que aparecem no texto.

1- Introdução

Cinquenta tons de cinza, um surto universal de adesão e de vendagem. Por quê? Porque tem a estrutura mais tradicional dos projetos humanos: amor e dinheiro. Realçando essa generalidade surge o desequilíbrio, sustentado pela característica norte-americana de potencializar a predominância da máquina. Isso, dado no contexto pós-moderno, a do império absoluto da tecnologia da informação, permite à executiva E.L. JAMES, um olhar londrino à cultura norte-americana, quando constrói um evento universal de público, nas letras: a trilogia *cinquenta tons*.

1.1 Cinquenta tons de cinza.

Para um provisório entendimento, analisamos *Cinquenta tons de cinza*, o primeiro da trilogia. A capa desse volume apresenta o primeiro aporte a essa ficção : uma luxuosa gravata masculina , em seu nó característico , em cor cinza metálico fosco, quando sugere eroticidade. A partir da já dita hipercultura do americano do norte a personificação de Christian GREY, entre suntuosas máquinas e portais.



James, sua inventora o chama de prodígio, ainda na orelha do primeiro volume demonstra dele, um vestígio prodigioso, pois embora imbuído de procedimentos obcecados: perseguição e desvio comportamental na sexualidade do personagem masculino . Surge uma atração verdadeira, talvez com origem na firmeza de caráter dos dois personagens , que diante de situação exterior aos estereótipos morais mais comuns , postam-se, a princípio, em extremos : ele sadomasoquista , ela virgem .

No vértice da relação com Anastácia Seetle, jovem universitária do campo da comunicação, inteligente e sensível, estagiando para a conclusão do curso e trabalhando ainda em modesto emprego comercial, há, de início apenas o objetivo tortuoso de obter mais uma submissa, absolutamente legalizada.

Um contrato entre submissa e dominador, um *big*, nos E.U.A. resolve seu desvio de sexualidade mediante acordo registrado. Tudo prático *judicialmente* garantido por decisões de duas pessoas emancipadas. Porém, da emancipação surge a intromissão emotiva. Ana impõe-se.

Se retrocedermos à figura insinuante da gravata, capa de *Cinquenta tons de cinza*, aliada ao perfil de Ana constatamos a força da ficção da autora. Vejamos, os quatro casamentos da mãe de Ana poderiam ter-lhe dado necessidade de estabilidade. Compreendemos assim, a seriedade da jovem por levar sozinha o compromisso dado ao estudo e à carreira e o despreendimento dela , por exemplo , quando da entrevista feita a Christian , e de ter aplicado a pergunta, feita por sua amiga KATE, autora da entrevista , acerca da possibilidade de Christian ser homossexual.

A imagem que a cena inicial do encontro Christian e Ana é uma aproximação por força da atividade produtiva de ambos. Ambos seguros, com apenas algumas passagens eventuais de incerteza, ou seja, ele o empresário entrevistado, dando palavra oficial para exposição consentida, ela exercendo, como estágio, tarefa de profissionalização. Embora, ao entrar no ambiente luxuoso do gabinete do empresário tenha tropeçado e caído, o perfil de severidade e competência enuviaram essa insegurança inicial.



A princípio, a cena é composta de duas situações de risco, que acontecem para ambos e transformam-se em êxito para os dois lados. Os papéis sociais de executivo e de profissional de informação saíram contemplados. Dois poderes interlaçados pela teia socioeconômica, estereotipada pela chancela de um país dominador. O Típico perfil do *business*, a língua universal da tecnologia americana. Nesse ambiente produtor de certezas, os dois personagens se envolvem.

Ana demonstra-se profissionalmente, e por isso socialmente emancipada, e, por outro lado embute sua convicção por estar, ainda aos vinte e poucos anos, virgem. A profissionalização reforça o amadurecimento de Ana. O conhecimento dado precocemente, a partir dos sucessivos casamentos da mãe salvam a análise desse personagem da situação em que se envolveu . Algumas imposições ao dominador foram concebidas a partir desses tópicos de sua personalidade.

O encontro inicial dos dois personagens dá-se na entrevista que Ana vai fazer, em substituição de sua colega Kate. É um roteiro já preparado pela colega e Ana mostra-se desajeitada, a ponto de cair ao entrar no gabinete do empresário .

A entrevista, entretanto decorre normalmente, graças ao empenho da jovem, pois é competente. Isso lhe dá autonomia. Christian, em seu papel altaneiro, graças aos negócios prodigiosos, não demonstra o fato de ser filho adotivo de mãe desaparecida por uso de *crack*. Essa versão lança ao romance um contexto atualíssimo e justifica, em parte sua perversão sexual, como talvez resultados, respostas à recente do uso dessa droga, situação relativamente nova .

Isso aparece no final do capítulo três, quando revivem na ficção, um preâmbulo romântico, em um mundo absoluto, de gente absoluta. Diante do rígido esquema que o sadomasoquista propõe a jovem comunicóloga, a sexualidade rejeita a ternura. Surge o problema central da ficção, uma prática não usual por parte do rapaz lança sombra nas evidências, *os tons de cinza*.

Há ainda que outra vertente: o fato da primeira submissa da lista de Christian ser, exatamente a sua governanta, a Mrs. Robinson. Paire, portanto a questão, teria ele conhecido a prática com a parceira mais velha, teria sido por ela iniciado? São dois



fatores, possibilidades inusitadas, que, no entanto, sem dúvida tenha feito do romance o *record* que é .

Suspeito, (porque até então só analisei o primeiro volume) que nos outros dois, esteja surgindo um sentimento verdadeiro , florzinha murcha entre pedras e pedregulhos, que até então tem existência meramente circunstancial . Em que índices me baseio?

Daquilo que poderia ser uma publicação sórdida, talvez também *best-seller*, o que se percebe é uma inusitada relação humana, porfiada, mediada por algo que se pode demonstrar como amor. Aí surge, da metade para o fim dessa primeira publicação, a metáfora definitiva de todo esse processo: a gangorra.

Nos títulos das duas outras publicações da trilogia, os cinquenta tons ficam _ mais *escuro* , e, *de liberdade*. Mais envolvimento e separação do casal ? Não levanto aqui um suspense que poderia levar mais pessoas à leitura dos outros dois volumes. Aliás, nos títulos das publicações já existe esse elo que nos propõe essa busca. Por hora, pautarei a leitura pela metáfora *gangorra*, de onde surgem outras, nucleares.

1.2 A Gangorra : situação ambígua: conflitante ou mediadora ?

Gangorra é a metáfora máxima de *Cinquenta tons de cinza*, essa expressão da autora define a relação Ana (Anastácia)/ Christian. Não foi sem propósito que coloco, aqui o prenome completo da heroína, separado por parênteses. Existe emocionalmente entre os dois uma lacuna, essa que graficamente coloco, por meio do seu nome inteiro.

O casal, tendo desenvolvido uma forte relação, a vivência a partir dos objetivos principais de cada um. Não é uma especificidade apenas deles, todo o casal, ao se aproximar traz essa característica. Essa, inusitada é a deles. Christian precisa da prática sadomasoquista; Ana, cheia de amor, não pode admitir a violência explícita no ato de amor como coadjuvante de prazer, embora tenha permitido alguns jogos iniciais .

O amor dos dois está corrompido, sua pureza, a pureza original do sentimento amor expressou-se para os dois, porque nasce do entusiasmo das concepções de cada indivíduo. Os gregos, filósofos diriam *arethé*, acrescida da parte físico-química de qualquer vivente. Os animais não conhecem regras sociais, e libertam a atividade



livremente: a natureza deles dispensa convenções morais, porém ainda, em cada espécie há regras de manifestação de poder. Vejamos, nosso amado Lulu urina nas gloriosas rodas de titânio dos nossos automóveis, porque se sente nosso proprietário , e, por extensão, de tudo relacionado a nós mesmos.

Porém, com os humanos fica diferente: falamos porque pensamos e pensamos porque falamos. Há mais um outro pressuposto, temos a mesma sexualidade que qualquer animal, porém , devemos pagar o ônus por pensar. Assim, na esfera humana da criação somos responsáveis, ante às regras sociais e religiosas, faz parte da Antropologia a sexualidade e a coerência : às regras ,aos locais , às instituições. Nisso consiste a gangorra em que estão Christian e Ana.

À Ana falta o toque, Christian, em seu desvio psicótico, recusa qualquer afago , não o suporta , ele não reconhece a troca , apenas a posse violenta, no entanto estão presos pelo entusiasmo mútuo. Esta prisão constitui a gangorra , ora Christian pende para o carinho (caso do beijo), ora Ana supera o horror e consente a prática violenta . Por um lado existe Ana em suas manifestações :

Christian me coloca em pé, no chão de madeira. (.....). Os olhos cinzentos estão inflamados de raiva, desejo e pura e legítima volúpia.(.....) Eu poderia entrar em combustão espontânea , só com o olhar dele . (JAMES.E.L. *Cinquenta tons de cinza*.INTRINSECA:Rio de Janeiro, 2012, p. 111)

O olhar, esta expressão, no contexto acima citado esclarece o título da publicação ,é relativo aos olhos de Christian. A raiva, desejo e volúpia em concentração por parte dele, e amor e coragem por parte dela, conseguem equilibrar a gangorra de sentimentos de ambos. Há amor em ambos , mas Christian não sabe amar, aí , objeto desse amor : Ana , pede , docemente :

_ Não quero apanhar de você, aqui, agora. Por favor , não me bata. Ele fica boquiaberto , surpreso.(.....) estico o braço e toco seu rosto (....) É uma mistura curiosa de maciez e aspereza .(...) Ele fecha olhos lentamente , encosta o rosto na minha mão , e fica com a respiração presa na garganta .(...) beijo-o . O gosto dele é divino . (JAMES.E.L. *Cinquenta tons de cinza*.INTRINSECA:Rio de Janeiro, 2012, pp.111-112)



Ana trouxe Christian para o centro da gangorra, nela, em linha reta agora aproximam-se, sem interferência de qualquer circunstância. Arethé e hormônios espontâneos, dóceis aproximam não só os corpos, mas a estrutura psicológica de ambos, selados, nesse repente.

O vínculo do casal parece aumentar, Ana, por isso tenta aceder aos objetivos sadomasoquistas de Christian, *porque ele precisa disso*. A moça não consegue suportar, apesar de ter tentado, a violência das chibatadas, objetivo e necessidade de Christian, e mais uma vez a liberdade conferida pela personalidade de Ana desequilibra a gangorra, porém, para o lado da razão. Ela expõe a questão, o eixo da gangorra:

_Eu não quero. A questão é essa. Sinto-me, em relação à punição do mesmo jeito que se sente ao ser tocado por mim. (JAMES.E.L. *Cinquenta tons de cinza*.INTRINSECA: Rio de Janeiro, 2012,p.445)

Pode-se perceber que Ana argumenta aqui, de forma definitiva, argumento principal do problema.. Descobriu-se, nesse ponto, leitores, por análise, e os personagens por experiência vivida,(mérito à autora), que Christian foi pervertido na adolescência e Ana, virgem até conhecer Christian, por convicção e repúdio (inconsciente, talvez) pelos inúmeros casamentos fracassados da mãe.

Ambos têm necessidades conflitantes, e apesar disso se amam. A necessidade de Ana, bem administrada edifica, a de Christian, a nosso ver é a grande tentativa da obra, de expor o amor às circunstâncias pós- modernas, em suas manifestações mais preocupantes.

2. Os personagens.

Na obra em questão, a trilogia *Cinquenta tons de cinza* de autoria de Erika Leonard James tanto o tema o amor entre um homem e uma mulher e aspectos da sexualidade humana, parecem ser os responsáveis pelo fenômeno editorial. A história se concentra no relacionamento amoroso entre a jovem universitária Anastácia Steele e o bilionário Cristian Grey.



Anastácia Steele com 21 anos de idade tem por mãe uma mulher com uma história de vários relacionamentos e um pai “postigo” Ray, que ela escolhe entre os vários que passaram em sua vida. Este pai representa para ela, o porto seguro, alguém em quem ela pode confiar. As características de trabalhador, estável, confiável são sempre utilizadas quando se refere a ele.

Interessante notar que apesar da fortuna, beleza, habilidades, é a sensação que Christian proporciona, uma sensação que Anastácia, mesmo no início do relacionamento já percebe, a segurança que sente a seu lado. “E, apesar de tudo, passei a noite em sua suíte de hotel, e sinto-me em segurança.” (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de cinza*. p.66)

Anastácia é bonita, e isto é percebido pelo efeito que causa nos homens com os quais convive, porém ela não se percebe como tal. Acha-se desajeitada, veste-se de forma a não chamar a atenção das pessoas. Ela dá maior prioridade aos aspectos intelectuais e profissionais. Parece não querer repetir o mesmo roteiro de sua mãe que passou a vida atrás de um homem que lhe desse uma identidade. Anastácia estuda e trabalha, porém não teve ainda, aos 21 anos, um relacionamento sério.

Romanticamente, porém, eu jamais me expus. Uma vida de insegurança – muito pálida, muito magra, muito desleixada, desordenada. Minha lista de defeitos é longa. (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de cinza*, p. 51).

Aproxima-se de Cristian Grey para entrevistá-lo, tarefa que seria de sua amiga Kate. Ao ficar de cama, Anastácia vai em seu lugar. A partir deste encontro os dois iniciam um relacionamento que parece uma relação comercial, cada um negociando suas condições. Apesar de lidar com um riquíssimo empresário, Anastácia não se intimida e coloca suas condições, tem facilidade em descrever como se sente e o que a deixa satisfeita ou não.”Tudo bem – gosto dele. Pronto. Confessei a mim mesma. Não posso mais fugir dos meus sentimentos”. (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de cinza*, p. 31)

Sabe quem é e não pretende mudar sua essência. Anastácia analisa cada sentimento que surge, conversa consigo mesma referindo-se a uma deusa interior, seu aspecto sexual feminino, principalmente quando precisa ser firme e segura de si. Como exemplo a



seguinte afirmação: “Minha deusa interior está usando seu uniforme de gladiadora e não está poupando ninguém” (JAMES, E. L. *Cinquenta tons de liberdade*. P. 156) .Ou esta quando enfrenta a arquiteta que está flertando com Christian:

C-claro – gagueja ela, os olhos arregalados e, francamente, um pouco intimidada por mim. Minha deusa interior percorre a arena acenando para a multidão delirante. (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de liberdade*, p.159).

Em outros momentos, quando age de forma que não considera adequada, comenta que seu inconsciente desaprova sua atitude. Na verdade, o que ela chama de inconsciente, corresponde ao superego, componente da personalidade descrito por Freud.

“Depois de vê-la passar muito mal a seus pés. Ah, ... Ana você algum dia vai esquecer isso? Meu inconsciente me encara furioso por cima dos óculos de leitura.” (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de cinza*, p.61)

É proprietária de um fusca e gosta de dirigi-lo para desespero de Cristian. O relacionamento aprofunda-se e apesar de Cristian ser altamente controlador, Anastácia vai levando-o a conhecer-se melhor, a abrir mão de alguns comportamentos, a se tornar alguém menos infeliz. Permite algumas práticas sexuais não usuais, pois percebe a necessidade de Cristian, porém tem claro que não precisa disto para sua vida. O amor que sente por ele, lhe dá forças para superar as barreiras rígidas que Cristian colocou-se, na tentativa de sobreviver a vida infeliz que teve. Ele percebe também que Anastácia supre algumas necessidades que nem mesmo ele reconhecia ter.

Existe algo em você, Anastácia, que me toca em algum nível profundo que eu não sou capaz de compreender. É como um canto de sereia, Eu não consigo resistir a você, e não quero perdê-la. –Ele se aproxima e pega minha mão, - Não vá embora, por favor. Tenha um pouco de fé em mim e um pouco de paciência, (JAMES, E.L. *Cinquenta tons mais escuros*. p. 101)

Cristian Grey tem 28 anos de idade, foi adotado ainda menino por uma família muito rica. Sua mãe adotiva é médica, e foi quem cuidou dele quando foi resgatado de sua antiga casa, ao lado da mãe viciada e morta.

3-A correlação Christian (personagem) e os títulos das canções .



Seus olhos são da cor cinza que escurecem ou clareiam, de acordo com suas emoções. Os títulos dos três livros, Cinquenta tons de cinza, Cinquenta tons mais escuros e Cinquenta tons de liberdade, referem-se às transformações que ocorrem com Cristian Grey. (Grey – cinza em inglês).

Sua mãe biológica é descrita como drogada e um de seus parceiros maltratava Cristian com pontas de cigarro e com chutes e pontapés. Ao lado da mãe morta, Cristian ainda uma criança, ficou por dias sem ter o que comer e sem compreender que a mãe não falaria mais com ele. Talvez isto explique a implicância com Anastácia quando esta deixava restos de comida nos pratos.

Alguns capítulos depois, ficamos sabendo que ele foi abusado por um mulher mais velha, amiga de sua mãe adotiva, com quem é iniciado em relações sadomasoquistas.

De acordo com o CID 10, o sadomasoquismo faz parte das parafilias que consiste na preferência por uma atividade sexual que implica dor, humilhação ou subserviência. Se o sujeito prefere ser o objeto do estímulo fala-se de masoquismo; se prefere ser o executante, trata-se de sadismo. Comumente o indivíduo obtém a excitação sexual por comportamentos tanto sádicos quanto masoquistas.

Cristian Grey adulto torna-se uma pessoa distante, foge de demonstrações de sentimentos, até mesmo de seus familiares. É um empresário de sucesso, tem carros caros e poderosos, pilota um helicóptero e uma lancha, é proprietário de suítes em hotéis cinco estrelas, apreciador de óperas e vinho branco fino.

Inicia um relacionamento com Anastácia ao perceber que ela tem o tipo físico que lhe atrai. No início pretende ter um relacionamento como os outros, onde ele é o dominador e ela a submissa. Chegam a discutir um contrato, detalhando todos os aspectos do relacionamento, inclusive roupas que ela deverá utilizar, como se dirigir a ele. As transformações que vão ocorrendo com cada um dos personagens são delineadas a cada capítulo.

Cristian, por ter dificuldade em lidar com suas emoções, utiliza-se de músicas para dizer o que não consegue dizer através de palavras. No início do relacionamento ele



coloca para tocar as seguintes músicas *Sex on Fire* (p.76) e *La Traviata* (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de cinza*, p. 397). Anastácia percebe que a música parece ser um canal de comunicação entre eles. Christian dá um iPod para Anastácia com uma seleção de músicas

“...e uma música chamada *Principles of Lust*, do Enigma. É muito Christian. Sorrio. Outra chamada *Possession*, ah sim, muito cinquenta tons. R mais algumas que nunca ouvi”. (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de cinza*, p. 44)

Um tempo depois Christian coloca para tocar a música que mostra como se sente no momento *I put a spell on you*. “Enrubesco e me viro para Christian. O que ele está tentando me dizer? Já tem muito tempo que ele me enfeitiçou.” (JAMES, E.L. *Cinquenta tons mais escuros*, p.107)

Outra maneira de perceber sua transformação é através dos e-mails que escreve para Anastácia. Ao fazer a assinatura coloca-se às vezes como:

“Christian Grey CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.”
(JAMES, E.L. *Cinquenta tons de cinza*, p. 161).

“Chrisitan Grey. CEO & Maníaco por controle, Grey Enterprises Holding Inc.” (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de cinza*, p.185)

Anastácia é amada por Christian e o ama também. Este amor por ele lhe permite aceitá-lo com as suas singularidades e também lhe dá a certeza que poderá auxiliá-lo no caminho da felicidade. A falta de contato físico, não sexual e carinhos são suportados por ela, ao reconhecer o pânico que Christian sente com sua aproximação. Conhece a história de sofrimento dele e a respeita.

Passei toda a minha vida adulta tentando evitar emoções extremas. Mas você, ... você desperta sentimentos em mim que me são completamente desconhecidos, É muito – ele franze a testa, procurando a palavra certa. – Perturbador,
(JAMES, E. L. *Cinquenta tons de cinza*, p. 30)

Ao final, vemos um casal que amadurece juntos, o amor de ambos os transforma; a maior transformação se dá em Christian, fato que é notado por sua mãe adotiva.



Christian está ao piano cantando baixinho *Wherever you will go* para si mesmo. Todos param para ouvi-lo, “Continue – encoraja-o Grace, suavemente. – Eu nunca tinha ouvido você cantar, Christian. Nunca. (JAMES, E.L. *Cinquenta tons de liberdade*, p. 95)

A história nos mostra que apesar de todos os traumas e por mais violenta que tenha sido a infância de uma pessoa, o amor verdadeiro é capaz de resgatar e cuidar das feridas.

4- Considerações finais

Uma história de amor. Esse tema extemporâneo sobrevive às etapas cronológicas e suas influências. Então os gregos clássicos tiveram razão: é *arethé*, (*entusiasmo*). Como sufocá-lo? Porém ele é lâmina fiel, corta se negado, ameaça, se consentido em contraposição à cultura.

Toda obra literária, porque é imitação da vida, instala-se em três eixos que legitimam as ficções. O histórico-filosófico que rege a economia da ficção. Ninguém por exemplo falaria em psicose, antes do Realismo, escola estético-filosófica baseada na Psicologia. No romance em pauta o trato do amor pós-moderno, quando revela as baladas, os costumes, as expressões coloquiais vulgares, a prática do sexo entre os solteiros revela a *virada* comportamental dos anos 60, quando a pílula anticoncepcional e a *mini-saia* (*)

O eixo cultural de cada ficção sustenta-se pela Antropologia. Aí a cultura caracteriza a ficção de acordo com os hábitos de cada região, porque nada, nem a ficção atesta-se fora do tempo e do espaço. Por isso vimos tanta máquina em *Cinquenta tons de cinza*, e tantos negócios. *TIO SAM* revela-se prazerosamente no romance.

Resta o eixo ficcional e estrutural, orientado pela ciência da linguagem: a Linguística, em suas evoluções, em suas acepções, como a *análise do discurso*, poderosa arma de trato discursivo, que aliada às análises Antropológicas e Histórico-filosóficas revela a técnica e a produtividade necessárias a leituras de contextos pós-modernos, como esse que acabamos de analisar, e de outros textos em outros contextos cronológicos.



Percebemos, ao término de *Cinquenta tons de cinza*, a astúcia da autora. Diante da grande amargura dos dois personagens, quando a gangorra quebrou o eixo depois da tentativa frustrada de Ana encarar a chibata, ela, a autora confere, de *brinde*, o primeiro capítulo de *Cinquenta tons mais escuros*, o segundo volume da trilogia. Com isto consegue que a leitura vire ciclo, como a obsessão de Christian. E.L. James mora em Londres, o que ela não teria escrito, se morasse em New York?

Percebemos ainda, pelo ciclo que a autora estabeleceu que o amor não cala, que entusiasmo não se transfere e que sexualidade é coisa de vida, que dá a vida no sentido biológico e garante a vida no sentido filosófico.

Não analisamos ainda os outros dois volumes da trilogia, não analisamos as centenas de índices que apareceram na narrativa, como a analogia de poder estabelecida entre a trança de cabelo que Christian fez em Ana e a trança de couro, fino do chicote sadomasoquista, que não machucava, porém prestava-se à masturbação, que ele executava na parceira. Revelamos essa poderosa metáfora de poder, tardiamente para contribuir com outras análises, por ela ser muito eloquente.

Ainda repito aqui o tópico didático que é tema recorrente em minhas aulas. O professor pode abordar qualquer tema, de qualquer espécie ou origem, em qualquer contexto surgido se usar linguagem técnico-científica.

Com isso enobrecemos nossa missão e a expandimos. Considero essa trilogia, escrita por JAMES um avanço próprio deste quase quarto de SEC. XXI. Louvável a abordagem

(*)conservamos a ortografia original, sem nenhuma adaptação aos acordos ortográficos porque a expressão é ícone de sua época

dos malefícios do crack, louvável a abordagem dos desvios sexuais, pois sua revelação pode prevenir aberrações. Embora não tenha a referência, ainda, do final da trilogia, posso suspeitar que se a de uma postura lógica, e clara, pois este é o perfil dos personagens.



Para terminar, provisoriamente, deixo considerações provisórias; a primeira é que os dois personagens caem da gangorra, ...por pouco tempo, já que a o próprio primeiro volume traz o primeiro capítulo do segundo. E a segunda, metafísica, é a de que qualquer evento, mesmo finalizado, merece, sempre um segundo olhar, pois esse é o princípio da análise, e, por consequência, o do conhecimento. Estudantes de todas as áreas, atenção nisso.

Bibliografia

JAMES. E.L. *Cinquenta tons de cinza*. INTRINSECA: Rio de Janeiro, 2012.

OZMON. HOWARD.A e CRAVER.SAMUEL.M. Fundamentos filosóficos da Educação. Porto Alegre. ARTMED, 2004.

MORIN. EDGARD. O Método. Ideias IV. Porto Alegre: SULINA, 2008

HALL, C.S e LINDSAY, Teorias da Personalidade. SP: EDU, 1973

FREUD, S. Cinco lições de Psicanálise. RJ: Imago, 1973.